

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

ANA CLARA DE OLIVEIRA FERNANDES  
MARÍLIA APARECIDA FERREIRA

**A FOTOGRAFIA PINHOLE NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA:  
desenvolvendo olhares críticos sobre a realidade**

Monografia

Mariana  
2016

ANA CLARA DE OLIVEIRA FERNANDES  
MARÍLIA APARECIDA FERREIRA

**A FOTOGRAFIA PINHOLE NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA:  
desenvolvendo olhares críticos sobre a realidade**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Professora Hila Rodrigues

Mariana  
2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbi

F363f Fernandes, Ana Clara de Oliveira  
A fotografia Pinhole no contexto da comunicação comunitária:  
2016desenvolvendo olhares críticos sobre a realidade [manuscrito]/  
Ana Clara de Oliveira Fernandes e Marília Aparecida  
Ferreira.-Mariana, MG, 2016.  
50 f.: il., fotos..

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo  
e Serviço Social DECSO/ICSA/UFOOP

1. Comunicação de massa - Aspectos sociais. 2. Representação  
do conhecimento (Teoria da informação). 3. Fotografia  
- Teoria. 4. Comunicação e artes. 5. MEM. 6. Monografia.  
7. Pinhole. 8. Pertencimento. I.Ferreira, Marília  
Aparecida. II.Rodrigues, Hila. III.Universidade Federal  
de Ouro Preto. \$b Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.  
IV. Título.

CDU: 77

Ana Clara de Oliveira Fernandes

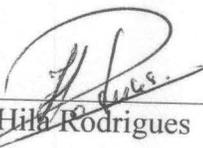
Marília Aparecida Ferreira

Curso de Jornalismo - UFOP

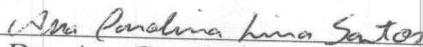
A FOTOGRAFIA PINHOLE NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA:  
DESENVOLVENDO O OLHAR CRÍTICO SOBRE A REALIDADE.

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Hila Rodrigues.

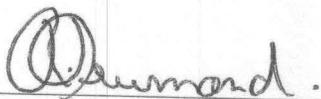
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Hila Rodrigues



Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos



Prof. Me. Rafael Drumond

Mariana, 10 de março de 2016.

Dedicamos este trabalho a todos que passaram pelas oficinas do *Projeto Mariana na Lata*. Em especial, aos estudantes da Escola Estadual Coronel Benjamim Guimarães: Laura, Stella, Guilherme, Bruno, Davison, Natália, Rayanne e Laila.

## AGRADECIMENTOS

À Inaê Martins e André Jimenez, amigos, integrantes e cofundadores do *Projeto Mariana na Lata*;

Aos que colaboraram com o *Projeto Mariana na Lata*, em especial, ao patrocinador Sergio Fernandes;

Às amigas Amanda Sereno e Giovanna de Guzzi pelo apoio contínuo e colaboração fotográfica;

À professora Hila Rodrigues, que nos orientou neste trabalho.

## RESUMO

Essa pesquisa foi inspirada no *Projeto de Extensão Mariana na Lata: Identidades em pinhole*, da Universidade Federal de Ouro Preto, e teve como objetivos principais demonstrar como oficinas de fotografia artesanal *pinhole*, aplicadas a adolescentes, podem funcionar como ferramenta da Comunicação Comunitária. Procura mostrar, portanto, como o conhecimento e o manuseio da *pinhole* interferem na construção do olhar do sujeito sobre si mesmo e sobre o lugar ao qual pertence. O trabalho revela, ainda, como a *pinhole* pode ser um instrumento útil na formação do sujeito como ator social, capaz de participar e interferir no lugar em que vive. Para realizar a pesquisa a partir da atividade extensionista, com o *Projeto Mariana na Lata*, o método utilizado foi a observação participante, possibilitada por meio da inserção das pesquisadoras na escola como monitoras das oficinas de fotografia *pinhole*.

**Palavras-chave:** pinhole; Comunicação Comunitária; construção social; representação; pertencimento.

## ABSTRACT

This research was inspired by the extension project *Mariana na Lata: Identities in pinhole*, from the Universidade Federal de Ouro Preto, and had as main goals to demonstrate how workshops in artisanal pinhole photography, applied to teenagers, can work as a community communication tool. Therefore, it shows how the knowledge and handling of pinhole interfere in the construction of the view of the person over himself and the site where it belongs. The work reveals how pinhole can be a useful tool in the formation of the subject as a social actor, capable of participating and interfering in the place where he lives. To complete the research from the extension activity, with the project *Mariana na Lata*, the utilized method was the participating observation, made possible by the insertion of the researchers in the school as monitors of the pinhole photography workshops.

**Key words:** pinhole, community communication, social construction, representation, belonging.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>2 A FOTOGRAFIA PINHOLE NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA</b> .....	08
2.1 Recordação e imagem.....	09
2.2 Experiência e imagem.....	10
2.3 Comunicação Comunitária, cidadania e imagem.....	11
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	16
3.1 Do método à proposta.....	17
3.2 A coleta dos dados.....	19
3.3 O campo.....	21
<b>4 OLHARES E AFETOS: <i>PINHOLE</i> E PERCURSOS</b> .....	38
4.1 Autorrepresentação e autoria.....	41
4.2 O sensível.....	44
4.3 Representações e pertencimento.....	45
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50



## CAPÍTULO I

### Introdução

Essa pesquisa foi inspirada no *Projeto de Extensão Mariana na Lata: Identidades em pinhole*, da Universidade Federal de Ouro Preto, e teve como objetivo principal demonstrar como oficinas de fotografia artesanal *pinhole*, aplicadas a adolescentes, podem funcionar como ferramenta da Comunicação Comunitária. Procura mostrar, portanto, como o conhecimento e o manuseio da *pinhole* interferem na construção do olhar do sujeito sobre si mesmo e sobre o lugar ao qual pertence. O trabalho revela, ainda, como a *pinhole* pode ser um instrumento útil na formação do sujeito como ator social, capaz de participar e interferir no lugar em que vive. O Projeto existe desde o início de 2014 e, em 2015, ofereceu oficinas para estudantes de 6º ao 9º<sup>1</sup> ano da Escola Estadual Coronel Benjamim Guimarães, no distrito de Passagem, em Mariana (MG).

Assim, o trabalho foi norteado, em parte, por pesquisas que, no campo da Comunicação Comunitária, propõem iniciativas ligadas à educação, mas também à prática jornalística, tendo em vista o interesse e a participação primordial da comunidade nos processos comunicacionais. Pensando nisso, questões como pertencimento, autoria, representação e identidade foram discutidas e refletidas a partir da relação entre os adolescentes e a técnica *pinhole*. A fotografia *pinhole* é uma técnica artesanal baseada no princípio da câmara escura e, basicamente, consiste em confeccionar uma câmera fotográfica a partir de embalagens (no caso, latas de alumínio). Veda-se todo o compartimento, deixando apenas um pequeno buraco, feito com uma agulha, por onde entrará a luz, projetando a imagem do lado oposto, no papel fotográfico. Depois disso, a foto é revelada em um laboratório adaptado na escola. Por se tratar de uma técnica artesanal, a *pinhole* permite que os adolescentes se desloquem do imediatismo das tecnologias e possam, dessa forma, refletir sobre seu papel no processo comunicacional, tornando-se mais ativos e engajados social e politicamente.

Para realizar a pesquisa a partir da atividade extensionista com o *Projeto Mariana na Lata*, o método utilizado foi a observação participante, possibilitada por meio da inserção das pesquisadoras na escola como monitoras das oficinas de fotografia *pinhole*. A pesquisa de

---

<sup>1</sup>O *Projeto Mariana na Lata* dividiu as atividades em dois momentos: o primeiro com atividades voltadas para estudantes do 8º e 9º ano – tomados como base dessa pesquisa, e segundo, para 14 estudantes de 6º e 7º ano. Embora o cronograma de atividades utilizado nas oficinas tenha sido o mesmo, a segunda turma não foi tomada como objeto de análise para essa pesquisa, devido a elementos quantitativos e qualitativos (número de estudantes, idade, frequência, mudança na estrutura oferecida pela escola, entre outros).

campo durou sete meses (de maio a dezembro de 2015), período em que as atividades foram oferecidas. As oficinas seguiram um cronograma e foram organizadas em 12 encontros que envolveram abordagens teóricas e práticas. Iniciou-se com um breve histórico da fotografia, passando para confecção das câmaras escuras e, posteriormente, das câmeras *pinhole*. Depois disso, os estudantes personalizaram suas câmeras e começaram a capturar as imagens. Todos participaram ativamente da captação e revelação das fotos. Em seguida, a partir das imagens, foram propostas atividades de criação e produção artísticas e jornalísticas, além de retratos e o mapeamento do bairro. Por fim, foi montada uma exposição dos trabalhos produzidos para que a comunidade escolar tivesse conhecimento e acesso ao que foi produzido durante as oficinas. A prática, aliada ao referencial teórico, permitiu a análise dos dados dessa pesquisa. Para isso, foram utilizados, em especial, alguns conceitos específicos trabalhados por autores como Cicilia Peruzzo, Paula Friderichs, Laura González Flores, Lucília de Almeida Neves Delgado, Jochen Dietrich, Larissa Kovalski Kautzmann, Paul Ricouér, entre outros. Além disso, a pesquisa buscou se embasar também em textos sobre projetos similares ao Mariana na Lata, como o Observatório de Favelas, iniciativa de Comunicação Comunitária no Rio de Janeiro.

Dessa forma, os assuntos foram organizados em quatro capítulos. O segundo apresenta o conceito de Comunicação Comunitária e aborda a fotografia *pinhole* como ferramenta dentro desse contexto. Para isso, recorre a conteúdos que relacionam memória, imagem, cidadania e juventude. A seguir, o capítulo de Metodologia discorre acerca dos métodos utilizados para coleta e análise de dados, descrevendo cada atividade aplicada e resultados obtidos. O capítulo seguinte trata das percepções sobre as relações estabelecidas, das práticas desenvolvidas e dos resultados observados durante a pesquisa de campo, passando por pontos específicos como autorrepresentação, autoria, sensibilidade, olhares e pertencimento. Esse capítulo expõe em detalhes tudo o que foi observado durante o período de pesquisa de campo.

Por fim, as considerações finais trazem uma reflexão sobre a imagem, que por si só não basta para abarcar todas as questões levantadas. Constatou-se que o processo *pinhole* – que envolve a confecção da câmera, o estabelecimento de diálogos e relações atravessados por afetos – abre caminhos para a discussão acerca do lugar ocupado pelos jovens dentro do processo comunicacional, de forma a torná-los mais ativos e politicamente participativos.

## CAPÍTULO 2

### **A fotografia pinhole no contexto da Comunicação Comunitária**

A memória, entre tantos significados, é onde se encontram as experiências vividas, um lugar não definido onde há várias possibilidades. Isto é, a memória não é um campo definitivo – ela está permeada pelas percepções individuais e coletivas e, assim, cria por meio das lembranças as histórias conhecidas e as que ainda serão contadas. No entanto, essas lembranças não são formadas apenas por meio do registro mental dos acontecimentos, mas também por registros escritos e imagéticos, entre outros. A memória não é constituída apenas daquilo de que se lembra e registra, segundo a historiadora e pesquisadora Lucília de Almeida Neves Delgado (1998). Fatores como ordenação e seleção dos fatos, relação entre presente e passado e até mesmo o esquecimento são, também, elementos constitutivos da memória. Compreender o conceito de memória a partir do entrelaçamento desses elementos, segundo ela, é essencial para a assimilação dos processos de recordação:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (DELGADO, 1998, p. 218).

A fotografia está intimamente ligada à memória, uma vez que uma de suas principais características é o poder de representação. A representação, por sua vez, tem o “poder” de delinear acontecimentos, momentos, grupos sociais e pessoas na história, seja ela coletiva ou individual. O fato é que só existe o que é ou foi representado e da forma como foi representado.

Essa representação pode se manifestar por meio da oralidade, mas também da escrita e da imagem. Assim, chega-se à fotografia e sua capacidade de representar pessoas, momentos e acontecimentos, para que, dessa forma, sejam gravados na memória coletiva e/ou individual. Nesse contexto, é possível recorrer ao conceito de fotografia privada, da autora Ana Caetano, apresentado no texto *Práticas fotográficas e identidades: a fotografia privada nos processos*

*de (re)construção identitária* (2008). A autora faz uma pesquisa em torno de fotografias familiares que representam momentos íntimos e particulares, como festas de aniversário, casamentos, etc. Essas fotografias, que ela chama de “fotografias privadas”, são essenciais para a construção da história dos sujeitos através da memória. O ato de fotografar, nesse sentido mais particular, está muitas vezes relacionado à vontade de gravar aquilo para o futuro, como forma de lembrança ou como evidência de que aquele momento de fato ocorreu. Nesse sentido, é possível pensar as fotografias familiares como, além de uma lembrança para posteridade, uma forma de reafirmar e construir identidades.

## **2.1 – Recordação e imagem**

Evidentemente, essa forma de pensar a fotografia, como um instrumento intimamente ligado à memória, pode se expandir para além dos núcleos particulares das fotografias familiares. O papel desempenhado pela fotografia se aplica a todos os âmbitos em que ela se insere, especialmente na mídia, que é um importante canal de representação dos acontecimentos e dos grupos sociais do mundo. A fotografia inserida nesse universo midiático contribui para reforçar e construir ainda mais as diferentes representações que ajudarão a registrar, para o futuro, representações de fatos na memória coletiva. A fotografia “criou uma nova e mais complexa relação das pessoas com a realidade e consigo mesmas, possibilitando transformar o mundo material em representação. Este é, aliás, o ponto central de contacto entre fotografia e identidade” (CAETANO, 2008, p. 3).

Outro aspecto a ser considerado está no processo de construção dessas representações no âmbito das produções midiáticas, que, muitas vezes, são marcadas “por disputas e por tensões, pois a memória e o conhecimento histórico podem servir a diferentes senhores” (DELGADO, 2006, p. 56). Nesse contexto, torna-se importante atentar às questões sociais e políticas implícitas na relação que envolve fotografia, mídia e memória coletiva – uma relação que, na prática, proporciona aos grupos sociais representados o sentimento de pertencimento a um determinado tempo e lugar.

Uma vez que memória e fotografia estão relacionadas ao sentido de construção de passado e presente, e que a fotografia atua também como forma de registro dos acontecimentos, não é difícil perceber como o processo de formação da identidade do sujeito é influenciado por lembranças, esquecimentos e narrativas. Os indícios imagéticos presentes no universo midiático só fazem reforçar essa diversidade das possibilidades de representação

no meio social. As identidades, como observa Lucília Delgado (2006) são construídas também a partir da noção do coletivo, ou seja, a sociedade influencia o que o indivíduo é – e esse indivíduo, por sua vez, influencia o meio social no qual transita e estabelece suas relações.

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. (DELGADO, 2006, p. 51).

Nesse sentido, quando o sujeito busca vestígios na memória sobre seu passado, trazendo tais marcas para um determinado presente, ele está construindo ou reforçando características de sua identidade.

## **2.2 – Experiência e imagem**

O registro das experiências torna-se essencial para a memória, no sentido de referência de um contexto, e, ao mesmo tempo, diz sobre as diversas identidades possíveis naquele espaço social, comunidade e tempo. São elementos que podem ser percebidos já na escolha desses registros, uma vez que o enquadramento reflete a visão do indivíduo sobre aquilo que ele deseja mostrar. É uma interpretação do mundo.

Na medida em que se compreende que fotografar não é só uma ação mecânica, mas um procedimento atravessado por elementos subjetivos – como a escolha do lugar, da cena, do momento, da perspectiva abordada –, ou seja, que a escolha feita pelo indivíduo por trás da máquina revela o que se pretende dizer com a imagem final, é possível assimilar melhor a ideia de que os registros fotográficos podem ser potenciais ferramentas para o exercício da cidadania. Dessa maneira, a fotografia torna-se um meio pelo qual é possível transformar aquele que, antes, era apenas receptor e produtor de uma mensagem.

Em sua dissertação de mestrado, Larissa Kovalski Kautzmann (2011) afirma que o ato de fotografar permitiu que ela pensasse diferente sobre as coisas. A fotografia, segundo a autora, é capaz de causar uma “tensão” quando permite que o indivíduo se depare, na imagem, com algo que o afeta (KAUTZMANN, 2011, p.18). Ao fotografar o cotidiano, a si mesmo, o lugar em que se está inserido, o sujeito passa a ver e pensar a realidade, e não apenas lançar um olhar despercebido de sentidos.

Assim, produzir sentidos a partir do ato de fotografar é uma maneira de aprendizado do mundo e de apreensão e produção de conhecimentos, por meio da movimentação do olhar

ao redor de si, para dentro de si e para o outro, que, apoiado no fotografar, dá essa oportunidade de novas visões: “a fotografia desdobra-se em leituras a cada novo olhar” (idem, p. 48). Fotografando, aprende-se sobre o mundo por experiência própria e não só por meio do que é passado, do pronto.

Estar no mundo, participar dele e construí-lo na medida em que também se constrói a si próprio são, portanto, possibilidades que a fotografia, como ferramenta, pode proporcionar ao sujeito na condição de ser individual e, também, do ser que participa do coletivo. Na concepção de Silva (2009), “este sentimento de pertença é imprescindível para a luta de uma sociedade interessada na luta dos direitos de sua comunidade ao passo que sem sentir-se um ser social inserido numa delimitação geográfica, impossibilita a ânsia por melhores condições de vida” (idem, p. 8).

### **2.3 – Comunicação Comunitária, cidadania e imagem**

Nesse ponto, chega-se a uma questão importante – que envolve mídia, fotografia, representação e o próprio exercício da cidadania, e que diz respeito ao atual contexto da mídia no Brasil: trata-se dos monopólios que, hoje, demarcam o mercado no campo da comunicação, dificultando o efetivo exercício da democracia e da liberdade de expressão. Em um país em que poucas famílias controlam a maioria dos veículos de comunicação, é importante discutir os efeitos sociais dessa conjuntura e refletir sobre o papel da fotografia na formação cidadã: como a fotografia pode ser utilizada como instrumento para formação de sujeitos mais críticos e ativos perante essa mídia?

Essa a questão remete à importância de políticas públicas no campo da comunicação, bem como das iniciativas que proponham formas alternativas de intervir e transformar realidades sociais a partir do exercício de uma comunicação mais democrática. É nesse sentido que a Comunicação Comunitária emerge como forma possível e independente de oportunizar interações, especialmente quando se ancora em projetos fundados na relação comunicação/educação, com o intuito de formar cidadãos mais críticos e ativos nos âmbitos sociopolítico e comunicacional. Como ressalta Peruzzo (2006), são ações não raras vezes voltadas para os segmentos juvenis, ainda em formação.

Os exemplos podem ser encontrados em jornais e rádios comunitários, nas associações de usuários dos canais comunitários na televisão a cabo, em Organizações não-Governamentais que desenvolvem projetos coletivos de desenvolvimento social por meio da comunicação – muitos dos quais com propósitos similares àqueles antes encabeçados por movimentos populares. Esses projetos em geral envolvem

adolescentes e jovens, e assumem o misto de mídia comunitária e alternativa, numa dinâmica em que se descobre a comunicação como mediação no processo de formação da autoestima e da cidadania juvenil em áreas carentes. (PERUZZO, 2006, p.5).

Hoje, no país, já são diversas as iniciativas que trabalham os campos da educação e da comunicação para a formação de jovens mais críticos e conscientes dos papéis que desempenham e dos lugares que ocupam na sociedade. Esses caminhos alternativos possibilitam a transformação social, desenvolvendo nos envolvidos uma percepção crítica de suas respectivas realidades. Dessa maneira, projetos e ações com esse fim abrem espaço para que outras representações possam ser delineadas por eles mesmos. A partir dos novos olhares e de novas representações, é possível falar em uma participação ativa da sociedade em uma comunicação pluralizada e justa.

Entre essas iniciativas, algumas se utilizam da fotografia como principal instrumento, justamente em função dessa capacidade de representação. “A produção de imagens leva à visualização de situações ocultadas pela rotina e faz com que questões sociais sejam encaradas, discutidas e problematizadas” (COSTA; FERREIRA, 2009, p. 226). Um exemplo de iniciativa desse tipo é o *Observatório de Favelas*, no Rio de Janeiro. O Observatório é uma organização social que promove ações no âmbito de políticas públicas, visando à garantia da cidadania, da democracia e dos espaços públicos aos moradores das favelas do Rio de Janeiro. Na concepção do Observatório,

o nível de aprimoramento de uma democracia é dado pela pluralidade de visões de mundo circulando em suas diferentes arenas políticas. De acordo com tal postulado, a *democracia* - ao contrário do que defende a teoria política democrática dominante - é definida não por ser o cume de uma escalada linear até o alcance da harmonia perfeita entre grupos de interesses antagônicos. Seu nível de plenitude dependerá, ao invés disso, da existência de condições de possibilidade para que se travem disputas justas entre representações e visões de mundo conflitantes. (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2012, p.6).

Por meio de oficinas com jovens da Maré, no Rio, o *Observatório* busca a ressignificação das favelas. As atividades são voltadas para a questão da inserção dos jovens no processo comunicacional, da sua representação na mídia e da construção de identidades, levando em conta os significados – quase sempre pejorativos – que a favela carrega consigo no universo das representações midiáticas.

A favela é definida na grande maioria das narrativas midiáticas pelo *não*. É o exterior constitutivo da cidade, sendo, contudo, central para a definição da identidade desta última: é sua “sobra” e seu suplemento.

Se a favela *é*, ela sempre o *é* em relação à cidade. Portanto, os significados que definem tanto uma quanto outra são mutuamente relacionados e mesmo dependentes. Desta forma, a favela surge no discurso hegemônico como contraponto que permite à cidade formal reforçar sua identidade, seus códigos, posto que a cidade *é* o pólo mais poderoso deste binário. (OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2012, p. 14).

Não por acaso, uma das ações realizadas pelo Observatório de Favelas *é* o *Programa Imagens do Povo*, que promove, para os jovens da Maré, uma série de oficinas e cursos relacionados à fotografia. O intuito *é* promover a democratização das práticas fotográficas, como também do acesso à mídia em geral, possibilitando uma reflexão acerca do sentimento de pertencimento dos jovens em relação à sua própria realidade e, a partir daí, à construção de sua identidade. A iniciativa também objetiva torná-los ativos como produtores e difusores de informação. Angélica Lüersen acredita que “à medida que os sujeitos participam do fazer midiático, inicia-se um processo de educação através da mídia” (LÜERSEN, 2014, p. 4). Recorrendo a Fantin (2006), afirma que, assim como não se aprende a ler sem escrever, não se faz mídia educação apenas através da crítica e de seu uso. *É* preciso aprender a escrever com as mídias (idem).

O programa se constitui de cinco iniciativas ligadas à fotografia, que trabalham desde a formação técnica para jovens fotógrafos até as oficinas de *pinhole*. Elas se intitulam *Escola de Fotógrafos Populares*, principal atividade, *Curso de Capacitação: Fotografia, Arte e Mercado*; *Curso de Formação de Educadores em fotografia*; *Oficina de Fotografia para Pessoas com Síndrome de Down* e *Oficina de Fotografia Artesanal – Pinhole*.

De forma geral, o *Imagens do Povo* busca, por meio da fotografia, levantar questões e discussões acerca da representação que a mídia faz das favelas e como isso pode interferir no sentimento de pertencimento dos jovens em relação a essas favelas. A fotografia, com sua capacidade representativa, pode servir como instrumento para construção da identidade desses jovens a partir da autorrepresentação de suas realidades. O olhar deles próprios sobre sua própria realidade pode trazer novas formas de perceber essa realidade – formas mais críticas, mais conscientes e mais atentas, próprias da mídia cidadã e muito diferente do discurso hegemônico dos meios de comunicação de massa.

A mídia cidadã tem muito a oferecer para a formação de pessoas capazes de entender melhor a concepção do mundo a partir do incentivo à crítica e, com isso, viabilização de um meio alternativo de expressão para determinada comunidade ou grupo que integram a ação social. (LÜERSEN, 2014, p.11).

Daí a importância de uma reflexão sobre os impactos da formação de monopólios no universo da mídia, considerando as representações distorcidas de grande parte da realidade social do país. São representações que geram imagens estigmatizadas de determinados grupos sociais, lugares e acontecimentos. Além disso, parece importante pensar e propor iniciativas que possam interferir nessa realidade – a partir das concepções que orientam a Comunicação Comunitária –, contemplando também as parcelas menos favorecidas da população.

É o caso, por exemplo, de propostas que norteiam trabalhos de fotografia *pinhole* em pequenas comunidades, como o *Projeto Mariana na Lata*, da Universidade Federal de Ouro Preto. A fim de gerar esse tipo de discussão, centrada na representação e construção de realidades e identidades a partir da fotografia, o *Mariana na Lata* propõe oficinas de fotografia artesanal (*pinhole*) para adolescentes do ensino público na cidade de Mariana, região central de Minas Gerais.

Pensando nessa técnica e motivados pela ideia de aproximar a Universidade à comunidade marianense, por meio de atividades educomunicacionais, as estudantes do curso de Jornalismo viram na fotografia *pinhole* uma forma lúdica de aliar suas áreas de atuação a atividades interdisciplinares para crianças e adolescentes da comunidade. Dessa forma surgiu o Projeto de Extensão Mariana na Lata.

A partir daí, o Projeto passou pela aprovação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade e, no início de 2014, deu início às suas atividades. No mesmo ano, o Mariana na Lata participou do *Festival com a Escola*<sup>2</sup>, oferecendo oficinas em duas escolas: E. E. Desembargador Horácio de Andrade, em Ouro Preto; e E. M. Wilson Pimenta Ferreira, em Mariana. Além disso, o Projeto participou de eventos da UFOP, como o *Sou Mais Juventude*<sup>3</sup> e a *V Semana de Estudos em Comunicação*. Em 2015, dando continuidade às atividades, o Projeto levou as oficinas de fotografia *pinhole* para a E. E. Coronel Benjamin Guimarães, em Passagem de Mariana e participou dos eventos: *Poéticas de Luz - II Semana de Fotografia da Ufop*, na E. M. Dom Oscar de Oliveira, no bairro Cabanas, em Mariana; *Semana de Educação* na também na escola de Passagem.

No fim de 2014, surgiu a ideia de utilizar o Projeto como objeto de estudo para este trabalho, aliando-o aos conceitos da Comunicação Comunitária. Levando em conta que a Comunicação Comunitária pensa em uma comunicação mais democrática, acessível e cidadã, pode-se associar ao Projeto, à medida que esse se insere no contexto de produção de

---

<sup>2</sup>Evento que tem parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto e o Festival de Inverno de Mariana e Ouro Preto.

<sup>3</sup>Evento realizado pela Universidade Federal de Ouro Preto, com diversas palestras e oficinas que refletem a construção do jovem na sociedade.

informação. Assim, o estudante apropria-se de uma ferramenta que dissemina a informação e tem conhecimento da forma pela qual esta informação é produzida, deixando de se submeter a representações monopolizadas pelos grandes meios de comunicação. Os traços típicos de seu meio social, urbano ou geográfico passam a ser registrados. Desenvolve-se, assim, um olhar crítico e mais apurado sobre a construção e representação de sua identidade, ou seja, sobre como ele se enxerga e se localiza socialmente, refletindo e se conscientizando acerca da forma como a mídia representa cotidianamente as identidades e lugares sociais.

A partir das oficinas ministradas no decorrer do ano de 2015 – da etapa teórica até o processo de construção das câmeras e captação das fotografias –, propõe-se reflexões sobre o desenvolvimento e seus resultados, isto é, sobre a maneira como essa iniciativa, calcada nos fundamentos da Comunicação Comunitária, auxilia os jovens na descoberta de si mesmos e de suas próprias realidades.

## CAPÍTULO 3

### Metodologia

A observação participante, como instrumento metodológico, é adequada quando se intenciona fazer uma pesquisa de campo com base no contato direto com as pessoas em um determinado local. Ou seja, quando o pesquisador quer ter uma visão mais aproximada e subjetiva do objeto de pesquisa, inserindo-se no contexto desse objeto para obter resultados a partir de uma visão de dentro para fora, como explica a pesquisadora Vanessa Fernandes Amaro (2004), autora de uma pesquisa qualitativa na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Esse método é mais utilizado nos casos em que os objetos de pesquisa são núcleos sociais, como bairros, comunidades, escolas, entre outros. Dessa forma, o pesquisador insere-se nesse núcleo por determinado período, a fim de se aproximar ao máximo desse objeto, passando a conviver cotidianamente com as pessoas ali presentes, como se fosse um membro do grupo. A partir desse ponto, o pesquisador pode ter outra perspectiva do objeto de pesquisa, entrando em contato com outras vozes e pontos de vistas que partem da estrutura social estabelecida dentro desses núcleos. Segundo Amaro, essa metodologia “é um procedimento de investigação não interferente e bastante discreto, comparado ao carácter intrometido, interferente e indiscreto de questionários e entrevistas formais” (AMARO, 2004, p. 2). A pesquisadora relata sua experiência com a prática da observação participante na Rocinha, com o objetivo de acompanhar e compreender a realidade daquele local do ponto de vista jornalístico, enquanto, se passando por estudante de sociologia tentava desmitificar os pré-conceitos relacionados ao contexto e história das favelas em geral. Para isso, foi necessário dedicar-se à observação participante por certo período.

Na concepção de outra pesquisadora, Licia Valladares, uma fase exploratória é essencial. Quando inserido em dado contexto, o pesquisador não tem controle da situação que será observada, uma vez que não conhece as relações que ali se estabelecem e que dão certas singularidades ao local (VALLADARES, 2007, p. 154). Para ela, a interação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado necessita sempre ser reafirmada, pois ele – o pesquisador – será sempre um estranho no grupo, por mais inserido que esteja. No entanto, esse estranhamento é natural, pois nem mesmo o grupo observado tem a intenção de se “igualar” ao papel do observador (idem, p. 154). “A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa” (idem, p. 154).

Assim, o principal objetivo, ao escolher esse método, é desenvolver a pesquisa a partir de um olhar mais subjetivo e próximo do objeto a ser pesquisado, a fim de dar voz aos próprios personagens e visibilidade a determinados contextos e estruturas que só são possíveis serem vistos e analisados quando se está inserido no grupo social pesquisado. Com isso, os resultados obtidos alcançam maior complexidade e subjetividade, levando em conta toda a estrutura social envolvida. “O método da observação participante é aplicável para investigar não uma faceta isolada, mas um tecido espesso de dimensões articuladas do social” (AMARO, 2004, p. 2).

Portanto, a observação participante consiste na inserção do pesquisador ao grupo social que será pesquisado. Amaro (2004) classifica essa inserção, basicamente, de quatro maneiras:

a participante total (a identidade não é conhecida pelas pessoas observadas; o jornalista é ajudado por fontes-chave), participante-como-observador (tanto o observador como os informantes estão conscientes de que a relação entre eles é meramente de campo); observador-como-participante (contactos curtos e superficiais), e observador total (os observados ignoram o observador). Todos eles prestam um contributo considerável na redação do discurso e a utilização de cada um desses níveis vai depender, mais fortemente, do tipo de pauta a ser tratada pelo jornalista. (AMARO, 2004, p.2).

Ou seja, a partir do momento que o pesquisador está inserido no núcleo pesquisado, pode recorrer a mais de uma alternativa de contato com o objeto de pesquisa. Pode apenas observar, utilizar entrevistas abertas ou se inserir totalmente ao grupo social e viver seu cotidiano como membro desse grupo. O pesquisador, então, toma notas de tudo que é observado e obtido através das conversas e, depois da fase de campo, transcreve os resultados obtidos. Esse método é sempre associado a outras técnicas de pesquisa, como entrevistas e pesquisas exploratórias, para que se torne ainda mais eficiente na obtenção de dados mais completos.

### **3.1 – Do método à proposta**

No caso deste estudo, a opção pelo método de observação participante se deu em função do objeto de pesquisa: um núcleo escolar. A pesquisa de campo – feita durante as oficinas de fotografia *pinhole* – deu-se com uma turma de adolescentes da Escola Coronel Benjamim Guimarães, em Passagem, distrito de Mariana (MG). Dessa forma, as próprias

oficinas permitiram a inserção no núcleo pesquisado. Portanto, a partir dessas atividades, estabeleceu-se um contato e uma relação entre ministrantes da oficina/pesquisadoras e adolescentes/pesquisados. Essa relação, ancorada na observação participante, permitiu ainda a realização de entrevistas abertas, rodas de conversas acerca das atividades e registros fotográficos. Através desses instrumentos, a ideia era obter resultados com mais precisão diante de situações muitas vezes complexas. A partir do *feedback* dos adolescentes contemplados pela pesquisa, foi possível acompanhar, durante a observação participante, o processo de desenvolvimento das atividades, paralelamente ao desenvolvimento dos próprios estudantes e de suas formas de encarar a fotografia. Para as autoras Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma,

A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles. Esse tipo de coleta de dados muitas vezes leva o pesquisador a adotar temporariamente um estilo de vida que é próprio do grupo que está sendo pesquisado. (BONI; QUARESMA, 2005, p 71).

O contato com os estudantes aconteceu semanalmente. Para cada encontro foram propostas determinadas atividades e cada uma delas foi acompanhada de perto para que se pudesse tomar notas e registrar todo o processo. Uma vez inseridas no cotidiano escolar dos jovens, as pesquisadoras tiveram a possibilidade de fazer um relato mais detalhado.

Tomando a oficina como instrumento capaz de aproximar o estudante e o ministrante (a partir de debates durante abordagens teóricas, de exercícios em que ministrantes fotografam estudante e estudantes fotografam os próprios ministrantes, confecção das câmeras e prática da revelação de imagens, entre outros procedimentos), as pesquisadoras puderam compartilhar experiências variadas com os jovens envolvidos. Como afirma Amaro, com esse método “há a possibilidade de um relato mais aprofundado, em que as impressões do repórter [ou pesquisador] podem ser descritas no texto. Contam para isso não apenas o tempo que passa a viver na nova realidade, mas a sua experiência nessa situação” (AMARO, 2004, p. 10). A observação participante fez com que as pesquisadoras tivessem acesso à experiência do bairro desses jovens, pois a *pinhole* foi o instrumento, entre outras coisas, de registro do lugar onde eles vivem, do cotidiano, do peculiar, das próprias identidades, das representações, das memórias, entre outros elementos.

Dessa forma, a técnica permitiu que as pesquisadoras tivessem acesso a diversos olhares e relatos decorrentes do trabalho com a *pinhole*. Por meio das fotografias produzidas

com esse equipamento, as oficinas visavam à compreensão do olhar desses jovens para a própria realidade, de forma que eles pudessem se revelar atuantes e, ao mesmo tempo, representados e sujeitos modificadores do próprio contexto.

Tendo isso em vista, foi importante um primeiro contato com a comunidade escolar antes do início das atividades, como forma de conhecer o perfil dos adolescentes, definir a dinâmica do cotidiano da escola e compreender a estrutura da instituição. O próximo passo seria introduzir o tema, para que eles pudessem se familiarizar com o que seria trabalhado nas oficinas.

### **3.2 – A coleta de dados**

Antes da inserção na escola foi realizada uma pesquisa exploratória, ou seja, houve um encontro antes do início das oficinas, para que se pudesse estabelecer um primeiro contato com os adolescentes, de forma a conhecê-los melhor e ter uma visão geral do perfil do grupo que desenvolveria as atividades. Nesse primeiro encontro, o intuito era verificar como os adolescentes pensavam a fotografia de forma geral – e como viam a fotografia *pinhole*. Para isso, a técnica aplicada foi a de entrevista aberta, em que “o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido”, em uma “conversação informal”, com interferência mínima por parte do entrevistador (BONI; QUARESMA, 2005, p.74). Por meio dessa abordagem, foi possível captar as primeiras ideias dos jovens em relação a esses assuntos.

Além disso, aplicou-se também a entrevista projetiva – centrada em técnicas visuais – quando se optou pelo registro textual e fotográfico desse encontro, para que as percepções pudessem ser analisadas ao final da pesquisa. Como explicam Boni e Quaresma, a entrevista projetiva fundamenta-se no uso de recursos visuais. Cartões, fotografias e filmes, por exemplo, podem ser utilizados para provocar um debate e “evitar respostas diretas”, permitindo o acesso a um maior número de informações sobre um determinado grupo ou lugar (BONI; QUARESMA, 2005, p.72-73).

Foto: Mariana na Lata



Primeiro encontro com a turma

Foto: Mariana na Lata



Primeiro encontro com a turma

A ideia era, assim, acompanhar o desenvolvimento dos adolescentes em relação ao tema, assim como o olhar desses jovens em relação à escola e à comunidade em que estão inseridos. A partir da observação participante, busca-se compreender ao máximo a perspectiva dos adolescentes em relação à fotografia, trabalhada durante as oficinas, e também em relação à sua comunidade. Para isso, era importante identificar os significados da *pinhole* (e das imagens capturadas) para esse grupo, entendendo-o como um segmento social específico dentro daquele ambiente escolar. Por meio dessa metodologia, a ideia foi mostrar como a produção da fotografia *pinhole*, na condição de um elemento da comunicação, pode contribuir

para alterar perspectivas (e até influenciar escolhas de vida), e, assim, funcionar como ferramenta de intervenção e transformação social. Outro objetivo foi discutir a importância da Comunicação Comunitária como possibilidade de abrir caminho para práticas pedagógicas que aliam fotografia e educação. Sob esse aspecto, interessa discutir a fotografia *pinhole* e suas especificidades, além de propor reflexões acerca do papel social da fotografia – algo que se discutirá mais adiante.

### 3.3 – O campo

Durante o ano de 2015, o *Mariana na Lata*, projeto de extensão desenvolvido no âmbito da UFOP, trabalhou oficinas de fotografia *pinhole* na Escola Estadual Coronel Benjamin Guimarães, em Passagem, distrito de Mariana – MG. A escola atende 380 estudantes do 6º ao 9º ano, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

As oficinas aconteciam sempre às segundas-feiras, no contra turno da manhã – das 9h às 11h – com estudantes do 6º ao 9º ano. No primeiro semestre de 2015 foram ofertadas 15 vagas, contemplando estudantes de 8º e 9º. A diretoria da escola selecionou os 15 adolescentes, com os quais foi feita a pesquisa exploratória. Desde a primeira oficina, somente metade desse número esteve presente. Um breve relato desses encontros pode ser oportuno para melhor compreensão das atividades:

**1º. Encontro (25 de maio de 2015)** – Essa primeira oficina, que contou com sete estudantes, propôs a discussão e apresentação do tema. Sentados em círculo, os estudantes revelaram o que pensam sobre fotografia, o que acham dessa prática e como percebem a sua função. A partir dessas reflexões, apresentou-se a *pinhole* – da construção do equipamento até a revelação das imagens. Fez-se, assim, um breve histórico da fotografia. Em seguida, os estudantes se viram diante da oportunidade de pensar as diversas maneiras de produzir registros fotográficos, a partir de diversas técnicas e aparatos – *pinhole*, máquina analógica e digital. A ideia era tornar evidente o potencial da fotografia na condição de uma prática que permite algo muito além do ato de clicar no botão da máquina (ou do celular) e obter uma imagem tomada como “cópia” da realidade. Para finalizar, foram apresentadas três câmeras escuras, confeccionadas de diferentes formas, de modo a ilustrar as possibilidades desse tipo de equipamento a partir do que ele é e da maneira como funciona. Os estudantes relataram, por escrito, suas respectivas opiniões sobre esse primeiro encontro.

**2º Encontro (1º de junho de 2015)** – Nessa segunda oficina, os estudantes aprenderam a fazer uma câmara escura com cartolina. Discutiu-se o funcionamento da câmara escura, a luz e a configuração da imagem como elementos constituintes da *pinhole*. Também foi entregue uma apostila desenvolvida pelo *Projeto Mariana na Lata*, com abordagens teóricas acerca do tema. Novamente eles escreveram sobre a experiência do dia de oficina e como foi produzir a câmara.

**3º Encontro (11 de junho de 2015)** – O tema foi, novamente, a câmara escura. Dessa vez, os estudantes confeccionaram um outro modelo de câmara, em caixa de papelão, para concretizar as diferentes formas apresentadas. Além disso, houve uma apresentação teórica sobre a questão física envolvida no Princípio da Câmara Escura.

Foto: Mariana na Lata



Produção das câmaras escuras

Foto: Mariana na Lata



Estudantes olham através da câmara escura que produziram

Foto: Mariana na Lata



Câmara escura feita de caixa de papelão

**4º Encontro (15 de junho de 2015)** – Nessa oficina iniciou-se a produção das câmeras *pinhole* em latas de alumínio. Cada estudante foi responsável por produzir sua própria câmera. Ao fim da oficina, a reflexão foi sobre o que os estudantes gostariam de fotografar nas próximas semanas, depois de reparar os lugares à sua volta e atentar para as questões da luz e das especificidades da fotografia *pinhole*.

**5º Encontro (22 de junho de 2015)** – Durante essa oficina, os estudantes personalizaram suas câmeras *pinhole* com recortes de revista, colagem, tintas e canetas coloridas. A ideia desse encontro era permitir que eles criassem um vínculo de identidade e de autoria em relação à suas câmeras. Mais uma vez, relataram a experiência da produção por escrito.

Foto: Mariana na Lata



Materiais utilizados para a produção das câmeras pinhole

Foto: Mariana na Lata



Confecção da câmera pinhole

Foto: Mariana na Lata



Estudantes personalizando as latinhas

**6º Encontro (25 de junho de 2015)** – O Projeto foi à escola no período da tarde para montar um laboratório adaptado na sala de informática. Os estudantes que estavam no horário de intervalo auxiliaram na montagem do laboratório: vedaram portas e janelas para impedir a entrada de luz no ambiente.

**7º Encontro (29 de junho de 2015)** – Nessa semana de atividades, foi lembrada a técnica que envolve a captação de imagem (já discutida nas primeiras oficinas, quando se abordou a questão do tempo, da iluminação, definição, enquadramento e foco). No primeiro momento, os jovens foram transferidos da sala de aula para o pátio da escola. Então, foi indicado um lugar mais propício para uma imagem melhor. Após todos captarem as fotos, voltaram ao

laboratório para a revelação, momento em que receberam explicações sobre o laboratório, as químicas utilizadas e o processo em si. As fotografias foram reveladas uma a uma e os estudantes puderam acompanhar o procedimento de perto. Em seguida, sentados em círculo, identificaram e discutiram o que deu certo e o que deu errado nas imagens produzidas. Conforme os pontos positivos e negativos eram reconhecidos, possíveis soluções para os problemas eram cogitadas. Todo esse processo de captação, revelação e discussão aconteceu outras duas vezes, para que os estudantes pudessem compreender e se familiarizar com *pinhole*. Ao final, eles puderam expor suas opiniões sobre esse primeiro contato e prática com dessa nova forma de fotografar.

Foto: Amanda Sereno



Momento de captação da imagem

Foto: Amanda Sereno



Revelação no laboratório da escola

Foto: Amanda Sereno

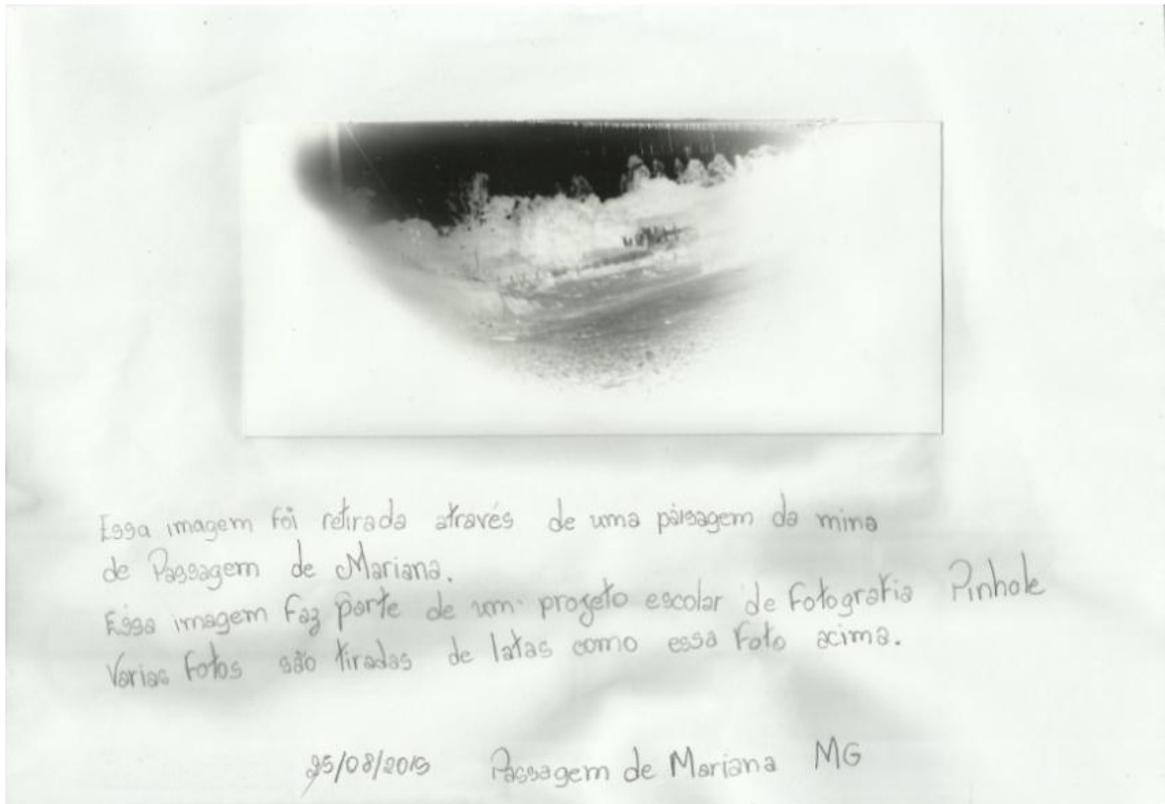


Enxágue da fotografia após a revelação

**8º Encontro (3 de julho de 2015)** – Nessa data, os estudantes fotografaram com a *pinhole* em um campo esportivo, local sugerido por eles próprios na semana anterior. Cada estudante tirou duas fotos – uma com a câmara feita por eles e outra com a câmara feita pelo *Projeto Mariana na Lata*. Em seguida, voltaram ao laboratório para a revelação e discussão das imagens. Durante as reflexões, também foram apresentadas as fotografias tiradas na semana anterior: no positivo e invertidas – já que a que se obtém na *pinhole* é o negativo da imagem – e de forma digital (por meio de programa de edição de imagem). Como essa foi a última oficina antes das férias escolares, os estudantes levaram para casa suas respectivas câmeras *pinhole* carregadas com papel fotográfico, para que tirassem uma fotografia e pudessem revelar assim que as atividades fossem retomadas, no semestre seguinte.

**9º Encontro (25 de agosto de 2015)** – Essa foi a primeira oficina após as férias. Primeiramente, foram reveladas as fotografias que os estudantes tiraram durante esse período. O resultado não foi como o esperado, já que as fotografias obtidas saíram completamente em branco ou com algumas manchas escuras. Isso aconteceu porque os estudantes trabalharam com pouco tempo de exposição no momento de fotografar. Em seguida, foram lembradas as técnicas da fotografia *pinhole*. Nessa ocasião, foi ressaltada a importância de se observar as questões da luz e do tempo no ato de fotografar com a *pinhole*. O próximo passo foi munir as latas dos estudantes de papel fotográfico para registrar imagens que pudessem ser captadas na rua da escola. Como o dia estava nublado, os estudantes foram lembrados que deveriam

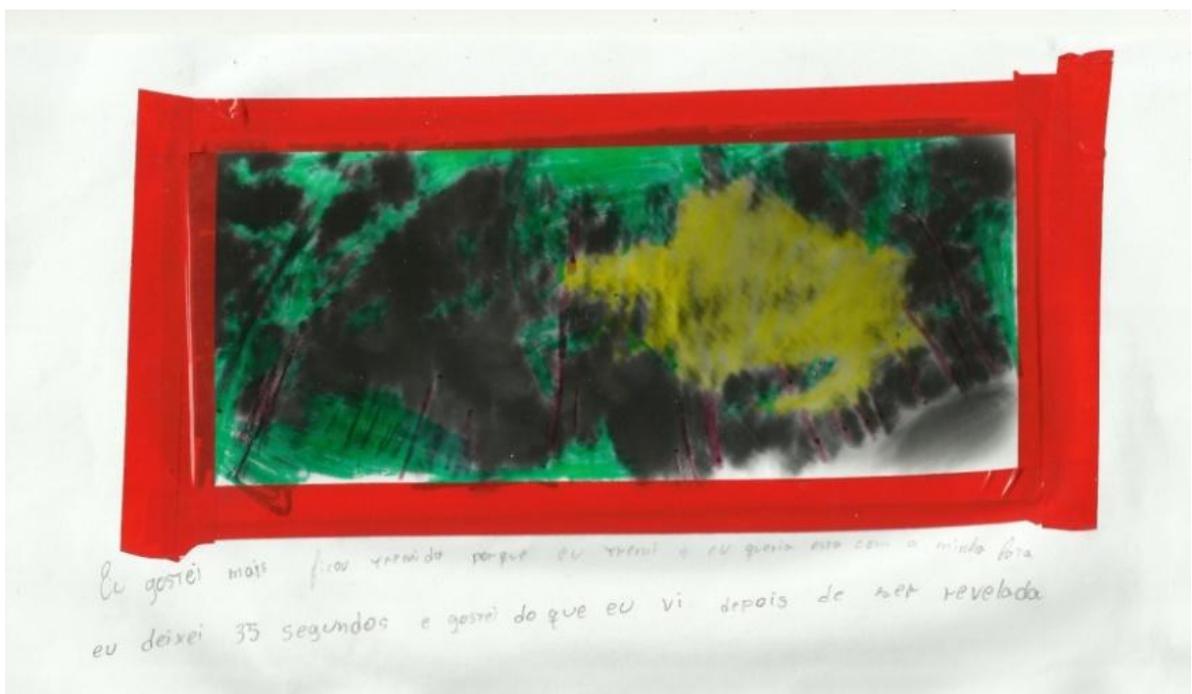
aumentar o tempo de exposição para que a foto saísse melhor. Após a revelação, foi proposto aos participantes uma produção artística livre, utilizando as fotografias: valia produzir colagens, colorir ou recortar com a fotografia (ou sobre ela) ou até mesmo utilizar a escrita nesse processo criativo. A ideia era mostrar que a fotografia pode ter uma função artística, além da representativa.



Atividade artística 1



Atividade artística 2



Atividade artística 3

**10º Encontro (28 de agosto de 2015)** – Após as férias ficou definido que seriam duas oficinas por semana, para que a greve universitária – iniciada em julho – não interferisse no cronograma de atividades. Nesse encontro, o tema foi fotojornalismo. Foi exposto o conceito e discutiu-se a importância da foto para o jornalismo, destacando-se seu poder de intervenção social. Logo após, houve uma reflexão sobre o bairro onde vivem os estudantes e sobre o que, nesses bairros, seria importante mostrar sob o ponto de vista do fotojornalismo. A ideia era

que, a partir dessas fotografias, os jovens produzissem um texto noticioso sobre a realidade que experimentam nos lugares que ocupam. Ao final da oficina, cada estudante levou sua lata carregada de um papel fotográfico para realizar a atividade.

**11º Encontro (1º de setembro de 2015)** – O primeiro trabalho previsto para esse dia seria a revelação das fotografias tiradas pelos estudantes. No entanto, eles não realizaram a tarefa proposta. Dessa forma, foi preciso repensar a atividade. Assim, foi proposto que, ao invés de fotografar as ruas que habitavam, fotografassem os arredores da escola, ainda com o mesmo viés jornalístico. Foi solicitado a eles que pensassem em algum lugar específico e que, durante o intervalo, apurassem a história e os acontecimentos que constituíam cada local, de maneira a produzir uma notícia. Após a apuração, os estudantes saíram para fotografar e, com as fotos reveladas, iniciaram a produção das notícias. Para auxiliá-los, optou-se pela exposição de alguns conceitos básicos do jornalismo, tais como *lide*, *fonte*, *entrevista* e *legenda*. Ao final da oficina, todos haviam produzido textos noticiosos com base nas fotografias tiradas.

## Restaurante Clube do Ouro



Fotografia tirada na Mina de passagem dia 05/09/2015

O restaurante do Clube do Ouro foi fechado em 2010 junto com o Clube. O restaurante foi aberto há 30 anos atrás, acabou por causa das condições financeiras da família.

Hoje o clube possui museu, lojas para turistas que vem e tem reportes turísticos e mergulhos.

O antigo restaurante hoje em dia é alugado para festas, aniversários etc.

O clube hoje chama atenção de turistas e das pessoas que conhecem o lugar pelo fato de ter uma história antiga.



Notícia feita sobre o antigo Restaurante Clube do Ouro de Passagem



Notícia feita sobre o antigo Restaurante Clube do Ouro de Passagem

**12º Encontro (4 de setembro de 2015)** – A atividade, nessa data, foi retratar o colega através da fotografia *pinhole*. Os estudantes se dividiram em duplas, para que cada um fotografasse o outro. Com as fotografias reveladas, as duplas se entrevistaram e montaram uma ficha, contendo a fotografia e informações sobre o colega. Essa entrevista foi produzida pelos próprios estudantes – e cada um deles elaborou as perguntas que desejava fazer ao outro. A ideia dessa atividade era montar um perfil de cada integrante da oficina, a partir do olhar deles mesmos.



Nome: Laila Caroline Brazil Modesto  
 Idade: 14 anos  
 Data de Nascimento: 15/06/2003

Quantos irmãos? 5 irmãos  
 O que gosta de fazer nas horas vagas? Jogo no celular (WhatsApp)  
 Comida favorita? Lasanha  
 Quanto tempo estuda na escola? 1 ano  
 Nome dos pais: Mauro e Sirlene  
 Um ídolo (cantor): Henrique e Diego  
 Qual profissão você quer ser? Médica

Atividade de entrevista

Luca Caroline



Stella Maria D'Angelo Tonidandel

Idade: 13 anos

Data de Nascimento: 29/02/2002

Quantos irmãos: 3

Que você gosta de fazer nas horas vagas? assistir televisão

Comida Preferida? lasanha

Quanto tempo estuda na escola? 3 anos

Combr Preferido? Mo Bili

Nome dos Pais? Fernanda e Regiswander

Que você quer ser? Veterinária

Foto: Bruno Francisco



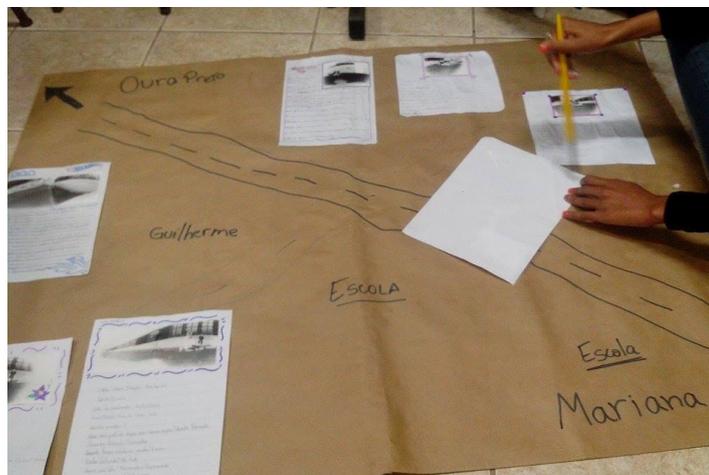
Positivo da fotografia pinhole tirada pelos estudantes

Foto: Laila



Positivo da fotografia pinhole tirada pelos estudantes

**13º Encontro (8 de setembro de 2015)** – Os estudantes fizeram, durante esse encontro, um mapa no qual situaram as casas onde moram. O mapa indicava a região de Ouro Preto e Mariana, para que eles se localizassem. Para indicar esse espaço, colocaram suas fotografias *pinhole* (resultantes da atividade da oficina anterior) no local referente à casa onde moram. A intenção dessa dinâmica era que eles se apropriassem do bairro em que vivem. Na segunda etapa do dia, a música *A ordem das árvores*, de autoria da compositora e ilustradora paulista Tulipa Ruiz, foi trabalhada. Após escutarem a canção, os estudantes foram convidados a deixar a escola para fotografar algo que remetesse ao que ouviram. Depois de revelar as fotografias, cada um expôs o que registrou e porquê.



Construção do mapa

**14º Encontro (11 de setembro de 2015)** – A proposta da última oficina foi uma fotografia livre. Os estudantes fotografaram com suas câmeras *pinhole*, experimentando novas possibilidades – como imagens sobrepostas e em movimento. Após a revelação, foi entregue um questionário que serviu como base para a discussão final do projeto. As perguntas abordavam o que eles aprenderam, novas percepções e possíveis mudanças de ponto de vista em relação à fotografia e ao olhar deles próprios sobre o cotidiano e seus respectivos percursos. Foram nove perguntas:

- 1) O que você aprendeu sobre a *pinhole*?
- 2) O que você prefere? A máquina fotográfica comum ou a *pinhole*? Por quê?
- 3) A fotografia *pinhole* é mais ou menos real? Por quê?
- 4) A *pinhole* mudou de alguma forma a sua maneira de ver e perceber os lugares por onde passa?
- 5) E sobre o ato de fotografar (luz, foco, distância, técnica)?
- 6) A *pinhole* fez você refletir sobre o feio e o bonito ou sobre o “dar certo” e o “dar errado”? De que forma?
- 7) Você acha que a fotografia *pinhole* tem alguma coisa a ver com criatividade?

- 8) Você acha que essa oficina lhe ajudou a pensar de forma diferente sobre fotografia e sobre as coisas ao seu redor? Como?
- 9) Você tem mais alguma coisa a dizer sobre as oficinas e a fotografia *pinhole*?

Depois de responderem ao questionário, os estudantes discutiram os benefícios da oficina e o processo de aprendizado durante esse período. Cada um falou sobre sua experiência e, ao final, todos receberam um certificado de participação no *Projeto Mariana na Lata*. Como previa o cronograma, uma exposição das atividades realizadas pelos estudantes durante as oficinas foi montada no pátio da escola, para que a comunidade escolar tivesse acesso a essas produções. Foram cinco cartazes: um com as produções artísticas, outro com as produções jornalísticas, um terceiro com os retratos dos estudantes, o quarto com algumas fotografias pinhole produzidas durante as oficinas e, por último, o mapa de Passagem, feito por eles. A exposição ficou na escola até a sexta-feira, dia 18 de setembro. Depois do evento, cada estudante pôde levar suas atividades para casa.

Foto: Mariana na Lata



Exposição dos trabalhos da primeira turma

Foto: Mariana na Lata



Alguns dos participantes das oficinas

Foto: Mariana na Lata



Estudantes mostram trabalhos para seus colegas

Durante a montagem da exposição e nos dias que a seguiram, foi possível notar o interesse dos participantes da oficina em ver os trabalhos expostos e mostrá-los aos demais estudantes da escola. Percebendo o interesse das outras pessoas, eles explicavam o processo da *pinhole* e as atividades realizadas. Esse interesse de compartilhar o que produziram já havia se manifestado no decorrer das oficinas. Os adolescentes demonstraram cada vez mais empenho em realizar as atividades, tanto em função da condição de autores das fotos, quanto do interesse pelo lugar a ser fotografado. Dessa forma, atentavam-se cada vez mais aos seus percursos diários.

O processo de interação com os estudantes e o desenvolvimento, neles, de um olhar sensível à fotografia *pinhole* é o tema do próximo capítulo. A percepção dos estudantes em relação à *pinhole* e a nossa percepção em relação aos estudantes será detalhada e problematizada nas páginas a seguir.

## CAPÍTULO 4

### Olhares e afetos: *pinhole* e percursos

Quando o *Projeto Mariana na Lata* chegou à escola, os estudantes ainda não sabiam do que tratavam as oficinas. Sendo assim, nos primeiros contatos, os adolescentes estavam tímidos e acanhados, tanto em relação à presença de novas pessoas na escola – uma vez que estavam em um ambiente com atividades e rotinas específicas –, quanto em relação à nova técnica: a fotografia *pinhole*. Dessa forma, no início das atividades o diálogo era mais difícil. Por exemplo, quando eram perguntados sobre o meio social em que vivem (a escola, o bairro), na maioria das vezes as respostas eram superficiais (“sim”, “não”, “nada”) e quase sempre com uma visão negativa, tanto do bairro quanto da escola. Outro exemplo é que, quando eram questionados sobre o que faziam na região de Passagem, eles respondiam sempre: “nada” ou “não tem isso ou aquilo”. Isso também acontecia durante as abordagens sobre a fotografia *pinhole*, sobre o que aprendiam e pensavam das atividades.

No início eram sempre respostas superficiais, sem fôlego para provocar a discussão pretendida. Com exceção de um ou dois estudantes, mais participativos, a maioria preferia não falar muito. Além disso, o fato dos professores não demonstrarem interesse pelo Projeto contribuiu para a dificuldade de inserção das ministrantes à comunidade escolar. Apesar do cronograma inicialmente propor atividades em conjunto com os docentes, os mesmos não se mostraram abertos para um envolvimento com as oficinas. Dessa forma, as atividades foram adequadas somente à participação dos estudantes.

Contudo, ao longo dos três meses de oficina na escola, a relação com os estudantes foi se estreitando. Isso contribuiu em grande escala para a abertura de mais diálogos e discussões mais aprofundadas, tanto sobre o meio social em que os alunos estavam inseridos quanto sobre a fotografia *pinhole*. Durante as oficinas, os adolescentes passaram a falar mais, seja para contar coisas de suas vidas ou questionar sobre a *pinhole*. Segundo a mestrandia Bibiana de Paula Friderichs, em seu artigo *A fotografia como veículo de comunicação popular: caminhos para a cidadania*, a interação pessoal entre observador e comunidade em foco é interessante ao processo à medida que estabelecem “diálogos através das fotografias” (FRIDERICHS, 2005, p. 7).

Conforme o interesse deles aumentava, determinadas questões passaram a ganhar mais ênfase e profundidade. Como foi o caso das questões que abrangiam o cotidiano dos estudantes e os arredores da escola. Procurando desenvolver mais discussões e propor um

olhar atento para as ruas ao redor, foi sugerida a elaboração de um mapeamento do bairro. Nesse mapa, cada um colocava sua fotografia *pinhole* onde supostamente estaria sua casa. Isso ajudou os participantes a perceber a forma como eles próprios se viam e se colocavam naquele espaço.

Com o tempo, várias percepções surgiram em relação à forma como os adolescentes viam o local onde moram. Foi possível observar, por exemplo, que eles têm uma visão em grande parte pessimista em relação ao distrito de Passagem, principalmente em função da falta de opções de lazer. Outro aspecto interessante é que eles percebem as cidades de Mariana e Ouro Preto – e aí, principalmente no caso de Mariana –, como lugares muito distantes, até mesmo inacessíveis em alguns casos. Os adolescentes conhecem muito pouco ou nada dessas cidades, ainda que ambas estejam tão próximas (cerca de 3km de Mariana e 9km de Ouro Preto). Falta a sensação de pertencimento no que diz respeito a essas cidades. São poucos os estudantes que detêm maior conhecimento e alguma proximidade com uma delas. Na verdade, grande parte superestima esses lugares, como se “lá, sim, fosse bom de morar”.

No entanto, como a maioria dos estudantes é natural de Passagem, há, sim, um sentimento de pertencimento e carinho pelo bairro – mesmo que, em alguns momentos, alguns tenham manifestado o desejo de morar em outro lugar. Isso acontece com a escola também. Grande parte dos adolescentes estuda ali desde pequenos, o que torna o local e as pessoas dali muito familiares. Dessa maneira, o projeto propôs atividades inspiradas em temas relativos ao bairro, à rua onde moram, à escola etc., para que os estudantes praticassem de alguma forma a cidadania, sentindo-se parte ativa da sua comunidade. Para Friderichs, “a cidadania, assim como o direito a informação, expressão, participação não é um privilégio deferido a determinadas pessoas porque tem certa idade, por causa da cor da sua pele ou porque têm determinado conhecimento. Ela deve ser garantida a todos, de modo sistemático e igual” (FRIDERICHS, 2005, p. 4).

Além disso, percebeu-se que os estudantes possuem bastante conhecimento sobre o local onde moram, com apurada noção espacial e política de Passagem. Cada um sabe onde o outro mora, como é o bairro, onde está cada comércio, quem é dono de cada loja e até mesmo dos terrenos. Essa postura politizada foi observada nos alunos quando eles foram convidados a participar de uma atividade que envolvia fotojornalismo e a produção de um texto sobre o local em que vivem. Foi pedido que eles utilizassem a *pinhole* em suas casas, para tirar fotos, e que apurassem questões sobre a rua. A princípio, nenhum deles o fez, denotando certa falta de interesse. A atividade foi, então, proposta de outra maneira: agora adaptada à extensão da

escola. Funcionou. Quando questionados sobre o que poderia se tornar notícia na rua da escola, todos começaram a citar acontecimentos e fatos sobre o local: um parque que existia, mas fechou; a Mina da Passagem; um restaurante desativado; a história da própria escola. Nesse momento, os estudantes mostraram que sabiam quem eram os donos da Mina e das terras da escola, comentando até mesmo as questões políticas envolvidas. Quando foi pedido que procurassem fontes e entrevistassem pessoas na escola e na rua, todos mostraram interesse. Quanto mais descobriam coisas sobre o tema escolhido, mais procuravam saber.

Como foi dito anteriormente, dada a relação mais próxima entre as observadoras e os participantes, as atividades tornaram-se mais fluidas, assim como o interesse do grupo nas propostas da oficina. Na atividade sobre fotojornalismo, por exemplo, foram apresentados jornais e revistas<sup>4</sup> produzidos pela equipe do Projeto, no curso de Jornalismo. Dessa forma, o incentivo à produção jornalística provocou neles uma reflexão em torno dos problemas que queriam relatar acerca do bairro e da escola. Friderichs (2005) discute, em seu artigo, como o individual pode se tornar coletivo (p. 7). Tal aspecto foi facilmente observado nessas experiências, já que os pontos que cada um gostaria de relatar tornaram-se questões debatidas em grupo – o que resultou em reportagens com a fotografia *pinhole* a partir de temáticas semelhantes, pautas que de certa forma “incomodavam” a todos. Por exemplo, a desativação do restaurante/parque que existia próximo à Mina de Passagem. Esse tema foi escolhido por mais de uma dupla e, como todos tinham lembranças e opiniões sobre o funcionamento e posterior desativação desse local, o tema gerou um debate que envolveu toda a turma.

Além desse momento, houve outros em que era nítido o olhar renovado dos jovens sobre seu próprio cotidiano, e sobre os trajetos percorridos até ali. Isso era evidente, principalmente no momento de escolher o local a ser fotografado. Além de levarem em conta o que haviam aprendido sobre a técnica fotográfica da *pinhole*, as questões de luz e sombra, todos procuravam fotografar locais que lhes agradassem – e isso fazia com que passassem a reparar mais nas coisas ao redor, tanto durante o trajeto para a escola, quanto no momento de fotografar. Os significados eram, assim, determinados pelo sujeito social, como observa Friederichs:

Podemos estabelecer, a partir desses dois elementos, o bairro e a imagem fotográfica, muitas relações entre cidadania e esfera pública, pois assim como na comunicação popular, nos caminhos da cidadania são os sujeitos sociais que determinam o que é espaço público, na medida em que conferem legitimidade a determinados lugares através do diálogo e do debate. (FRIDERICHS, 2005, p. 6)

---

<sup>4</sup> Jornal Lampião e Revista Curinga, produtos laboratoriais do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto.

Esse processo em que os jovens se aproximam da equipe do Projeto, criando certa intimidade com a técnica *pinhole*, também criou abertura para novas reflexões, diálogos e percepções relativas a outras questões como, por exemplo, a visão dos participantes sobre eles mesmos e sobre a *pinhole*. Essa relação estabelecida entre os estudantes e a *pinhole* contribuiu para que eles pensassem mais sobre como e o que representar. Evidentemente, isso só foi possível após a familiarização com a nova forma de fotografar. Embora todos os adolescentes envolvidos nas oficinas estivessem habituados ao ato automático de fotografar digitalmente – especialmente por possuírem aparelhos celulares com câmera fotográfica –, o domínio das câmeras *pinhole*, feitas em latas, exigiu deles uma dedicação, um tempo reservado à nova técnica, um manejo do equipamento que, antes do Projeto, era desconhecido.

Pode-se dizer que esse processo teve início já na produção e personalização das câmeras. Nesse momento, além de eles compreenderem o funcionamento da câmera através de sua confecção, criou-se um vínculo de propriedade com a *pinhole*. A partir daí, conforme foram fotografando, errando e acertando, os adolescentes foram entendendo como o processo funcionava e dominando melhor as técnicas. Assim, podiam dedicar mais tempo e atenção à escolha de lugares e objetos.

#### **4. 1. Autorrepresentação e autoria**

Em vários momentos os estudantes queriam fotografar a si mesmos ou uns aos outros. Ficava nítido o interesse que eles demonstravam ao se verem representados nas fotos. Para entrar no viés da autorrepresentação, os adolescentes produziram retratos uns dos outros e, depois, entrevistaram-se uns aos outros. Com isso cada participante teve o seu “perfil” *pinhole*, com sua fotografia e as principais informações (onde mora, nome, idade, o que gosta de fazer). Isso ajudou a despertar, em cada participante, o olhar sobre si mesmo, sobre suas preferências e características. Pensando que “fotografar é uma forma de olhar pessoas, contextos sociais; de ler o bairro, sua população, sua arquitetura, suas configurações humanas” (FRIDERICHS, 2005, p. 6), cada um pôde, dessa forma, ver-se representado através do olhar do outro e da fotografia *pinhole*.

Contudo, como na fotografia *pinhole*, diferentemente das câmeras digitais, o resultado é imprevisível, as fotos nem sempre saíam como os participantes esperavam. Aprender a lidar com o “dar errado” foi um dos desafios que esses jovens tiveram que enfrentar, já que estão acostumados – por meio da tecnologia contemporânea – a controlar a imagem produzida: se não gostou, basta apagar e tirar outra foto. Ao longo das oficinas, os adolescentes foram

compreendendo melhor que o erro faz parte do processo *pinhole* – e que é com ele que se aprende, ainda que, por vezes, ficassem decepcionados.

Gradualmente, a relação dos jovens com a *pinhole* foi se estreitando, tornando-se até mesmo mais “afetiva”. Como o Projeto propõe, entre as atividades sugeridas, o uso da lata para a produção da câmera, os estudantes aprenderam a apreciar esse material. Aprenderam no sentido de estabelecer uma rotina com o processo *pinhole* e, portanto, com cada atividade de cada oficina, valorizando, em especial, o fato de serem eles mesmos os próprios produtores de suas câmeras fotográficas.

Construir uma câmera utilizando uma lata gera, desde o início, uma dúvida: aquilo vai funcionar? Vai realmente fotografar? Ainda assim, o fato é que, para cada estudante, aquela câmera era a sua câmera, construída por suas próprias mãos – personalizada, portanto. Esse é outro ponto que faz diferença na relação deles com suas latas: o processo de construção da câmera não para no momento em que ela se torna uma câmera *pinhole* (um local vedado, com apenas um buraco de agulha do lado oposto), mas continua na parte exterior. Torná-la “mais bonita”, com colagens e pinturas, aproximando-a do aparelho fotográfico usual é importante. Nesse processo, cada participante dá à sua *pinhole* uma identidade própria; uma marca que identifique que “aquela câmera é minha”.

A partir do momento em que se tornavam fotógrafos *pinhole*, queriam fazer as melhores fotos. Foi um comportamento que se tornou evidente durante as oficinas. A necessidade de se destacar com a melhor foto aparecia a todo instante. Sobre esse aspecto, um dos estudantes, Davison Silva de Paula, 14 anos, refletiu: “eu sempre *queria* que minha foto desse certo e saísse bonita. Aí eu parei para pensar que devia pensar nos outros e nunca me achar superior e nem melhor. Temos que tentar várias vezes para conseguir”.

Em várias ocasiões, os adolescentes queriam repetir o processo até que a fotografia obtida se aproximasse ao máximo do que esperavam. A vontade de sempre acertar e fazer uma boa foto incentiva o estudante, que tenta produzir suas imagens cada vez com mais atenção. No entanto, como já se observou aqui, a fotografia *pinhole* pode não sair como planejada, seja por questões relativas à luz do local a ser fotografado, ou ao tremor da câmera no momento de abertura do furo, ao enquadramento ou até mesmo a algum outro defeito da câmera. Em *A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben* (2014), Joachin Azevedo Neto (2014) reafirma que, na concepção de Barthes, a “linguagem fala, não o autor” (p. 154). No caso da câmera *pinhole*, esse é um aspecto evidente, uma vez que os resultados obtidos dependem dos fatores já citados. Há que se considerar, ainda, as intenções do autor, que podem favorecer ou não o olhar daquele que fotografa.

Muitas vezes, para prosseguir com a atividade proposta durante as oficinas, era necessário insistir com o aluno, mostrando a ele que, a partir daquela imagem obtida (ainda que ela não fosse a imagem desejada inicialmente), era possível criar ou imaginar uma outra imagem a partir dali. Em “La mirada del otro otro – La producción fotográfica de grupos minoritários”, Laura Gonzáles Flores discute como a fotografia capta não uma realidade, mas sim percepções dessa realidade. No caso deste trabalho, fica claro que a produção das câmeras *pinhole* permite a captação dessas percepções a partir do resgate do trabalho manual (meio de produção artesanal) e sua relação com autoria. Da mesma maneira, a tentativa de traduzir as realidades através da *pinhole* resulta, também, em percepções renovadas sobre ela, pois, ao capturar a imagem, o estudante é obrigado a lidar com as interferências do espaço ao redor. Jochen Dietrich, em seu texto *Câmara Obscura: algumas ideias sobre a fotografia pinhole nas artes, na estética, na educação*, discute a questão da autoria relacionada à fotografia *pinhole*. Ele ressalta a importância da câmera *pinhole* em uma nova concepção de autor, por ela não se limitar às relações sujeito-aparelho/meio-realidade.

No sistema câmara obscura o autor é confrontado com imagens que ele antes não previu. As fotografias exigem uma decisão: “Esta foto é minha, ou então não é?”. A decisão manifesta-se num ato de integração. A imagem é um modelo de percepção que não necessariamente é coerente com os modelos de percepção de seu autor. Ao mesmo tempo é, através do processo de sua criação, o produto dele. A contradição entre a imagem técnica e o ponto de vista de seu autor domina a reação dele. (DIETRICH, 1999, p. 67).

A questão do feio/bonito, por exemplo, foi intensamente debatida, na tentativa de desconstruir a ideia do que é uma imagem *boa* ou *ruim*. A estudante Laila Caroline Brasil Modesto, 14 anos, relatou: “Tínhamos que saber bem o lugar para tirar a foto, algumas não davam certo, saiam embaçadas e ficavam estranhas. A *pinhole* mostrou que de onde tiramos a foto fica bonito, mesmo se sair embaçada, qualquer coisa parece paisagens bonitas”. Na concepção de Laila, portanto, a estética e o “sucesso” de imagens provenientes da fotografia artesanal e experimental não estão na perfeição do resultado, mas, sim, em todo o processo e aprendizado envolvido na construção, captação e revelação das fotografias.

## 4.2 – O sensível

Munidos de suas câmeras fotográficas, os estudantes assumiram, também, o lugar de produtores. Assim, empoderados, foi possível constatar a sensibilidade dos olhares acerca de suas realidades (o olhar ao redor), sobre si mesmos e os outros. Quando perceberam – por meio das atividades programadas – a possibilidade de contar a história que quisessem, os jovens demonstraram disposição para participar da construção de certas realidades. Bom exemplo está na oficina de fotojornalismo. A experiência revelou o desejo e o interesse dos participantes pela denúncia: os jovens queriam, objetivamente, fotografar os problemas da escola.

Ora, em tempos de tanta tecnologia, é fato que os adolescentes têm alterado muito sua forma de ver o mundo. Muitas vezes é por meio das telas da TV, do computador, do celular que eles veem o mundo e é pelas redes sociais que se comunicam com ele. Nesse sentido, a fotografia *pinhole* pode ser uma ferramenta que possibilita a sensibilidade do olhar dos jovens para o mundo e, até mesmo, a modificação da forma como eles veem os lugares ao seu redor. A respeito disso, a jovem Natália de Oliveira Teixeira, 13 anos, comentou que “as coisas não são só do jeito que sempre vemos, com a *pinhole* podemos achar um jeito diferente de registrarmos aquele momento e aquele lugar”. A adolescente se refere, aqui, às especificidades estéticas que tornam a fotografia *pinhole* diferente da fotografia digital, tais como as distorções causadas pelo formato da lata, o preto e branco, a imagem em negativo, as diferentes perspectivas e ângulos possíveis. Conforme dominavam a técnica da fotografia *pinhole*, percebiam mais essas questões estéticas das fotos. No momento da revelação eles sempre estavam atentos para os detalhes das imagens e para as semelhanças e diferenças com a realidade.

A técnica *pinhole* exige uma percepção e um olhar mais apurado no momento da escolha daquilo que será fotografado. Com o passar dos dias, todos entenderam e compreenderam melhor como a luz e o tempo, por exemplo, influenciam a produção da fotografia. Cada vez mais aguçavam o olhar para escolher o melhor lugar para fotografar – e não só no momento de lidar com as câmeras *pinhole*, mas também fora das oficinas. Os jovens passaram a observar tudo com mais atenção, mesmo quando fotografavam com suas próprias câmeras digitais. Da mesma forma como a estudante Natália observa que agora vê “as coisas de outro ângulo, o melhor para uma foto”, o estudante Davison ressalta que somente em função da oficina *pinhole* foi capaz de perceber um ipê cuja existência ignorava,

embora a árvore sempre tivesse estado ali, no caminho que percorria para a escola, dia após dia.

Outro ponto curioso diz respeito à noção de realidade. Ao final das oficinas, os jovens participantes foram convidados a refletir sobre o aspecto da fotografia *pinhole*: ela parecia mais ou menos real? Todos eles – sem exceção – afirmaram que a *pinhole* é mais real em relação à fotografia digital. Para eles, a fotografia *pinhole* está mais próxima das primeiras câmeras fotográficas, o que a tornaria mais “verdadeira”. Tal fato foi percebido em falas como as de Laila Caroline, 14 anos, “a fotografia *pinhole* é mais real porque a gente consegue diferenciar as coisas, diferente de outras máquinas, pelo fato de a maioria ter efeito” e de Rayanne Cristina Moreira, 14 anos, “porque a máquina *pinhole* foi inventada antes da câmera ‘normal’”.

Empoderar os jovens com uma câmera fotográfica construída por eles mesmos permitiu uma espécie de renovação dos conhecimentos que esses estudantes detinham sobre a imagem e seu poder. Isso permitiu ao grupo construir outros olhares sobre a prática fotográfica e sobre a realidade que os cercam, tornando-os sujeitos sociais.

### 4.3 – Representações e pertencimento

Uma vez adaptados à técnica *pinhole* e à dinâmica das oficinas, os jovens se sentiram mais à vontade para criar e discutir as questões da fotografia e, também, o cotidiano e os percursos que os cercam. Desde o início, percebeu-se que, se por um lado reclamavam da falta de entretenimento e diversão na região, por outro cultivavam um carinho muito grande pelo lugar em que viviam.

Ao longo das oficinas, foram propostas atividades que abordavam o vínculo dos alunos com aquele lugar, de maneira que se pudesse compreender melhor o sentimento de pertença dos adolescentes em relação à região de Passagem. O mapeamento do bairro foi uma dessas atividades e, com ela, foi possível observar como os jovens conheciam o local – não só do ponto de vista geográfico, mas também no que se refere às características sociais daquele lugar. O momento de “se encontrar” no mapa, feito à mão, gerou discussões reveladoras. O debate mostrou, por exemplo, como cada jovem se situava e se reconhecia naquele espaço – e como reconhecia o outro. Todos os jovens envolvidos na atividade sabiam não apenas localizar a si próprios, mas todos os colegas. Nos momentos de escolher lugares a serem

fotografados nos arredores da escola, os estudantes indicaram trajetos, contaram casos e histórias que refletiam as singularidades do local e dos grupos que viviam naquele local.

Observou-se, também, uma crescente sensação de pertencimento no grupo, que, não raras vezes, orgulhava-se dos conhecimentos que detinha sobre o lugar. Isso foi especialmente evidenciado quando os alunos – diante do desconhecimento das pesquisadoras sobre a região – tomaram para si a tarefa de indicar, mostrar e explicar as particularidades daquele local. Isso despertou o reconhecimento deles próprios sobre o quanto conhecem e pertencem àquele lugar. Esse sentimento de pertença gerou, ainda, uma disposição para a troca de aprendizados, pois enquanto assimilavam a técnica *pinhole*, ensinavam sobre o lugar onde vivem. Para Friderichs

Eles (sujeitos), como atores dessa comunicação, devem perceber sua condição de representantes e usar os meios a que têm acesso, assim como os mediadores: não pelo privilégio de serem emissores, mas pela oportunidade de construir ou consolidar, no conjunto da sociedade, seus valores, crenças, costumes, de compartilhar informações, de expressar suas idéias, de enxergar o espaço social como um todo incoerente e, a partir desse diálogo, formar-se leitor crítico da realidade e contribuir para a promoção da justiça social.” (FRIDERICHS, 2005, p. 14).

A *pinhole* é uma forma de se autorrepresentar, exatamente porque, ao construir a própria máquina e ao fotografar seus próprios espaços, os jovens estavam falando de si mesmos, de suas vidas, famílias, casas e rotinas. Esse fator da “proximidade” é importante nesse processo. Os estudantes também se identificaram, por exemplo, com os sujeitos representados nas notícias do Jornal Lampião, o jornal laboratório da Universidade Federal de Ouro Preto, que aborda temáticas e demandas locais.

O processo da fotografia *pinhole* traz, justamente, a proposta de resgatar e instigar o sensível nos olhares dos participantes – acerca de si mesmo e das realidades ao redor. Assim como nos projetos explicitados pela autora Laura González Flores (2007), a *pinhole* incita a representação do sujeito por ele mesmo e de sua comunidade, se assim desejar, já que a força visual de algumas imagens está nos eventos fotografados, próprios daquela comunidade. Da mesma maneira, muitas fotografias resultam de uma autoexpressão individual, como retratos e fotos de paisagens. Nas fotografias realizadas pelos participantes do Projeto, as imagens mais recorrentes são também da paisagem ao redor da escola e deles próprios.

Ao final do período de oficinas, pode-se considerar que as atividades do *Projeto Mariana na Lata* propuseram a esses estudantes que se tornassem sujeitos de suas representações, por meio do processo da fotografia *pinhole*. Esse ponto tem relação direta com a concepção de Flores, quando ela pontua que “nessas imagens não se estabelecem a

relação convencional entre um sujeito e um objeto e, sim, entre dois sujeitos com maior ou menor interferência na imagem” (FLORES, 2007, p. 8). Dessa forma, os adolescentes passaram de “objeto” fotografado a sujeitos de suas próprias fotografias, como autores e protagonistas das fotos e, logo, de suas próprias histórias.

## Considerações finais

Essa foi uma pesquisa de certa forma reveladora. Ao contrário o que se supôs no início dos trabalhos, a fotografia *pinhole* não desperta, por si só, uma discussão do lugar em que se vive – e de como o sujeito se vê nesse lugar. O processo de *construção da pinhole* é que se evidenciou essencial ao desenvolvimento de novas percepções. Ou seja, a imagem, por si só, não é suficiente para que os jovens reflitam acerca de suas realidades (a partir da forma como representam o outro e a si próprios). O processo de construção da câmera artesanal, isto é, a construção da *pinhole*, o desenvolvimento de certa familiaridade com o objeto, as técnicas de captação da imagem, a revelação das fotografias e até a possibilidade de recriar retratos a partir dessas fotografias é que abriram caminho para certas discussões e reflexões acerca do papel da autoria e do pertencimento na construção da imagem.

Dessa forma, a fotografia *pinhole*, mais do que outros aparatos, pode ser útil a projetos que pretendam incitar a participação mais ativa do sujeito nos lugares onde ele transita e vivencia suas experiências – e que visem à conscientização desse sujeito como ator social. O fato de o jovem não receber um aparelho pronto, e sim ter que aprender a técnica e construir seu próprio aparato fotográfico, permite um processo interativo. Primeiramente, ele descobre que essa técnica existe. A seguir, entende como funciona. Depois, observa como se faz. Então constrói a própria câmera e, a partir daí, recorre ao que aprendeu para aprimorar o aparelho, conforme o que for necessário para isso. Essa relação estabelecida despertou um sentimento de autoria entre os estudantes que participaram desse trabalho, munidos de suas câmeras *pinhole*. Isso se deu porque, ao se perceberem donos de algo que eles mesmos construíram, a sensação de empoderamento e pertencimento ao meio em que se está inserido foi reforçada.

Além disso, é possível dizer que, sem o vínculo e o afeto estabelecidos entre as pesquisadoras (na condição de integrantes do projeto extensionista *Mariana na Lata*) e os estudantes, não seria possível que essas questões citadas fluíssem tão tranquilamente, através de diálogos horizontais e bilaterais. À medida que os estudantes se acostumavam com a presença do Projeto na escola, a relação passou a ser de troca: todos aprendiam e apreendiam conceitos, olhares e formas diversas de ver o mundo. Assim, tudo isso foi essencial ao que, nesse trabalho, denominou-se *processo pinhole*.

O ato de fotografar, seja como for, é sempre constituído de olhares e reflexões. Na fotografia *pinhole* não é diferente. Por se tratar de uma técnica artesanal, e não automática, é preciso mais atenção, paciência e foco no momento de fotografar – o que potencializa essas

questões que a fotografia proporciona. Isso acontece porque, como os estudantes estão acostumados àquilo que é instantâneo e descartável, o ato de entrar em contato com uma técnica que exige mais concentração faz com que eles reflitam sobre a materialidade e a durabilidade das coisas que constituem o meio social em que vivem, levando essa reflexão para além da fotografia.

Pensando nessa materialidade da fotografia, é interessante constatar, ainda, que a *pinhole* – ao possibilitar também a criação de uma nova imagem a partir de fotos já produzidas artesanalmente – permitiu, em alguns casos, que os estudantes lidassem melhor com os erros. Por exemplo: quando a fotografia não se concretizava da forma desejada (em função de algum erro no procedimento), eles tinham a liberdade de desenhar, colar ou (re)inventar a imagem, transformando esse “erro” em outra produção artística. Isso fez com que muitos deles compreendessem que as imagens podem ser mais que mera imitação da realidade.

No âmbito da comunicação, especificamente, o que essa pesquisa evidenciou foi a maneira como os jovens, recorrendo ao processo *pinhole*, podem refletir acerca das representações construídas e, ao mesmo tempo, serem os próprios autores dessas representações. Como demonstrado no decorrer desse trabalho, os adolescentes se mostraram interessados em discutir questões voltadas, por exemplo, para as noções de enquadramento (nas oficinas de jornalismo) e para as representações que refletem o meio em que vivem.

No campo da Comunicação Comunitária, evidenciou-se, a partir de todo esse processo, o potencial protagonista dos adolescentes – que, nesse trabalho, foi o cerne das atividades realizadas. Essa pesquisa contribui para o debate em torno da importância da Comunicação Comunitária e da abertura do campo da comunicação a reflexões e iniciativas que coloquem a juventude como protagonista de suas histórias, e não apenas receptores apáticos de uma mídia dominante, que, na maioria das vezes, não se atenta às questões minoritárias e periféricas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMARO, Vanessa Fernandes. **Vivendo na pele do outro. A observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil.** Universidade Nova de Lisboa, 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaro-vanessa-pele-outro.pdf>. Acesso em 11 fev. 2016

BARTHES, Roland. **A câmera clara: nota sobre a fotografia.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTOLOMEU, Anna Karina Castanheira. **De dentro da favela: o fotógrafo, a máquina e o outro na cena.** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso: 18 abr. 2015.

BRANDIMILLER, Julia Burger. **Exercício do olhar: a fotografia na educação infantil.** Trabalho de conclusão de especialização. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29265/000776297.pdf?sequence=1>. Acesso em 11 de fev. 2016.

CAETANO, Ana. **Práticas Fotográficas e Identidades. A fotografia privada nos Processos de (re)construção identitária – VI Congresso Português de Sociologia.** Mundo Sociais: saberes e práticas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/569.pdf>. Acesso: 11 fev. 2016.

CALAÇA, Mariana Capeletti. **Dirceu Maués: a fotografia pinhole na arte contemporânea.** In: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2011, Londrina. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2011.

COSTA, Marcelo Henrique da ; FERREIRA, Júlia Mariano. **Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais - Discursos Fotográficos, v.5, n.6.** Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR.. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2952>. Acesso: 12 mai. 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIETRICH, Jochen. **Câmara obscura:** algumas ideias sobre a fotografia pinhole – nas artes, na estética, na educação. v. 9, n. 1. Porto Alegre, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, juventude e memória cultural.** *Educação & Sociedade*, v. 29, p. 667-686, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0329104.pdf>. Acesso em 11 fev. 2016

FLORES, Laura González. **La mirada del otro otro. La producción fotográfica de grupos minoritários.** In: Orientes e Occidentes. Memoria del XXVII Coloquio Internacional de Historia del Arte. México: Instituto de Investigaciones Estéticas, 2004.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta:** Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo, HUCITEC, 1985

FRIDERICHS, Bibiana de Paula. **A fotografia como veículo de comunicação popular:** caminhos para a cidadania, v. 1. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio. **Eu retrato, tu retratas:** configurações entre fotografia, educação e arte, São Paulo: Wak, 2014.

GOUVEIA, Fábio. **A decomposição imagética nas fotografias com pinhole:** a imagem pelo buraco de uma agulha. Tese (Mestrado). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, 2005.

GURAN, Milton. **O olhar engajado: inclusão visual e cidadania.** *Studium*, n. 27. IFCH, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/27/06.html>. Acesso em: 11 fev. 2016.

KAUTZMANN, Larissa Kovalski. **Poéticas do Instante:** Fotografia, docência e educação infantil. Porto Alegre. 2011.

LÜERSEN, Angélica. **Programa Imagens do Povo:** Reflexões sobre fotografia mídia e cidadania. Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2014. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1392-1.pdf> Acesso em: abr. 2015.

Mídia e Favela: Comunicação e Democracia nas Favelas e Espaços Populares – **Levantamento de mídia alternativa.** Observatório de Favelas. Rio de Janeiro (RJ). 2012. Disponível em [http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela\\_publicacao.pdf](http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf). Acesso em: abr. 2015.

- PAIVA, Raquel. **Jornalismo Comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático)**. Rio de Janeiro, 2006.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação Comunitária e educação para a cidadania**. Revista PCLA – Pensamentos Comunicacional Latino-Americano. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v.4, n.1, p.19, 2002.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação, Universidade de Brasília, INTERCOM/Unb, 2006.
- RIBEIRO, Fernanda; ORTIZ, Daniel. **A função social do Jornalismo Comunitário**. Anais do XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação. Pelotas/RS: Celacom, 2007.
- SCHULTZE, Ana Maria; **Educação, comunicação e fotografia: estabelecendo alicerces na escola pública fundamental**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2005.
- SILVA, Tomas T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu Silva (org.), Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVA, Priscila Kalinke. **A fotografia como recurso na educação para a cidadania**. Dissertação (Aperfeiçoamento/Especialização em Comunicação e Educação). Faculdade Cidade Verde, Guarapoava (PR). 2009.
- VALADARES, L. **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.